

## REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADES NOS PROCESSOS DE ORDENAÇÃO DE PRESBÍTEROS (1822-1922)

Renata Soraya Bahia de Oliveira\*

**RESUMO:** *O presente artigo surgiu de estudos realizados para o desenvolvimento de projeto para seleção de mestrado para o curso de História para UFBA, cujo tema desenvolvido foi “Representações de Masculinidades nos processos de Ordenações de Presbíteros (1822-1922)”, quando utilizei bibliografia específica sobre Gênero e História da Igreja, buscando um contraponto entre ambos. O trabalho será desenvolvido a partir de compreensão dos processos de ordenações de presbíteros da Igreja Católica, encontrados no acervo histórico da Cúria Metropolitana de Salvador. São eles De Genere, que tratam da ascendência do candidato a receber as ordens sacras, e Vita et Moribus, ou simplesmente Moribus, que tratam da vida e dos costumes deste na adolescência. A partir dessa discussão, buscarei um contraponto entre as relações de masculinidade, fazendo uma discussão de gênero, mas inter-relacionando com etnia, raça, classe, e os fatores cotidianos, as tradições culturais que condicionaram a formação destas masculinidades, trabalhando conceitos como os de vida exemplar, moral, entre outros que, de uma forma ou de outra, poderiam interferir na formação da masculinidade desse homem naquele momento de transição.*

**Palavras-chaves:** Representação; Masculinidades; Igreja.

### MASCULINIDADES

Os estudos sobre masculinidades no Brasil surgem na década de 60, através da necessidade do movimento feminista de levantar questões sobre as identidades sexuais. Assim, os estudos feministas desviam seu foco principal das mulheres para pensá-las no contexto das relações de gênero, dando ênfase à diversidade de modelos masculinos e femininos com foco na sexualidade, com a finalidade de entender a relação homem-mulher e o reflexo desta nas diversas culturas. Estas abordagens, “demonstram a necessidade de novas e diferentes estratégias para buscar maior equidade entre homens e mulheres, propiciando o surgimento de algumas tendências inovadoras para a atuação junto à população masculina”<sup>1</sup>.

Neste período, expandem-se as pesquisas para outros campos, a exemplo dos estudos sobre masculinidades, caracterizando-se por uma diversidade de temas e pela necessidade da construção social da masculinidade. Neste percurso, constituem-se dois grandes grupos de estudo: os aliados do feminismo, aqueles que reconhecem a base dos estudos sobre a masculinidade no avanço das teorias feministas; e o grupo dos estudos autônomos sobre masculinidade, que não são vinculados a discussões de gênero, nem aos movimentos das mulheres.

Ao pretender investigar a construção de identidades masculinas, tenho que ressaltar a observação feita por Iole Vanin para a falta de trabalhos sobre masculinidade e relações de gênero na historiografia brasileira<sup>2</sup>, os poucos trabalhos encontram-se, na verdade, nas áreas da

---

\* Historiadora, egressa da Universidade Católica do Salvador – UCSal. E-mail: [renatasbo@ucsal.br](mailto:renatasbo@ucsal.br).

<sup>1</sup> ARILHA, 2001, p.16.

<sup>2</sup> VANIN, 2002.



Antropologia e da Psicologia. Aqueles desenvolvidos no campo da historiografia dedicam-se a abordagens sobre as representações do feminino. Segundo Nolasco,

A legitimidade da representação masculina associada a comportamentos de virilidade, posse, poder e atitudes agressivas se 'relativiza', abrindo frente a outras possibilidades de representação do homem. É neste sentido que não se acredita mais que exista o masculino como único conceito norteador e gerador de referências para o comportamento dos indivíduos.<sup>3</sup>

É válido ressaltar que tanto o conceito de feminilidade quanto o de masculinidade são representações simbólicas<sup>4</sup>, construídas distintamente a partir da realidade de cada sociedade. Segundo Garcia, ao abordar o tema do papel masculino na reprodução, "As práticas sexuais e reprodutivas dos homens refletem uma construção social do sexo na qual a representação simbólica da masculinidade tem papel importante na definição dos comportamentos e atitudes dos homens relacionados à sexualidade e à reprodução<sup>5</sup>. Estas "representações de masculinidades", serão baseadas na relação social, política, econômica, constituída por cada homem em diversos âmbitos sociais. Assim, estas serão definidas através das relações de poder estabelecidas em cada sociedade.

Aqui, tomei como base o conceito de gênero de Scott, que utiliza as relações de poder e discute vários fatores que envolvem a construção de gênero: "a) universo simbólico; b) normas de distintas naturezas que restringem a interpretação e a compreensão dos símbolos; c) organizações sociais que limitam as possibilidades de atuação desses mesmos sistemas de normas; d) estruturação das identidades subjetivas"<sup>6</sup>. Procurarei desenvolver minhas investigações, relacionando estes itens, além de outros citados anteriormente.

Os estudos de gênero classificam as categorias "mulher" e "homem" como estabelecidas culturalmente de acordo com as formas impostas por cada modelo de sociedade, moldando, além da conduta dos indivíduos, as formas de pensar, vestir, agir.<sup>7</sup> É válido lembrar também a associação que é feita ao corpo como a base da diferença, sendo este trabalhado e evidenciado para ser um foco da distinção do gênero.

Desde pequena, é oferecida à criança uma educação corporal e moral que ponha em evidência seu sexo; são utilizados elementos para essa construção inclusive nas técnicas de aprendizagem. Vários fatores contribuem para essa socialização, desde a escola, como os meios de comunicação, até as práticas cotidianas, a família, etc. e, no Império, o exemplo é a pregação do Presbítero. Segundo Nolasco, "No processo de socialização de um menino, surgem dúvidas que jamais se extinguem acerca do seu comportamento sexual, produzidas pela família e escola. Por meio dessa dúvida se estabelece o que é esperado de um menino: virilidade, agressividade e determinação".<sup>8</sup> É através da negação dos valores considerados femininos como sentimentos, sensibilidade, demonstração de emoções pessoais que o homem vai afirmar sua masculinidade.

É válido especificar aqui que, por se tratar de um estudo de gênero, devo ressaltar a importância de o estar percebendo como uma mediação social, que vai se relacionar com outras dimensões sociais como raça, etnia, classe e geração. Essa perspectiva não será a preocupação principal do meu trabalho, mas pretendo tratá-la em algum momento. Ressaltando que não tenho a intenção de fazer um estudo compartimentalizado de gênero, buscarei uma abordagem

<sup>3</sup> NOLASCO, 1995, p 19.

<sup>4</sup> Discutirei mais adiante o conceito de representação.

<sup>5</sup> GARCIA, 2001, p.36.

<sup>6</sup> ARILHA, *Op cit.*, p. 53.

<sup>7</sup> BRAVO, 2001, p. 26.

<sup>8</sup> NOLASCO, *Op cit.*, p. 18.

totalizante, fazendo um contraponto, utilizando o conceito de gênero, um estudo relacional ao da Igreja e à sociedade da época.

## O OBJETO E AS FONTES

O presente artigo surgiu de estudos realizados para o desenvolvimento do projeto para seleção de mestrado no curso de História na Universidade Federal da Bahia, cujo tema desenvolvido foi “Representações de Masculinidades nos processos de Ordenações de Presbíteros (1822-1922)”, quando utilizei bibliografia específica sobre Gênero e História da Igreja, buscando um contraponto entre ambos.

O trabalho será desenvolvido a partir da compreensão dos processos de ordenação de presbíteros da Igreja Católica, encontrados no acervo histórico da Cúria Metropolitana de Salvador. São eles *De Genere*, que tratam da ascendência do candidato a receber as ordens sacras, e *Vita et Moribus*, ou simplesmente *Moribus*, que tratam da vida e dos costumes deste na adolescência.

As séries documentais *De Genere* e *Vita et Moribus* constituíram-se a partir dos processos de ordenação de padres. Eles seguiam as normas estabelecidas pelas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, “feitas e ordenadas”, por Dom Sebastião Monteiro da Vide, em 1707 a primeira lei eclesiástica brasileira, ou, segundo Cândido da Costa e Silva, “o enquadramento disciplinar do presbítero”.<sup>9</sup> Segundo elas, ainda tendo por base o concílio Tridentino, o padre deveria exercer ofício de pastor, dedicando-se a uma pregação de cunho moralizante, por isso determinava que, entre todos os que se candidatavam à ordenação, só fossem “... admitidos a Ordens aqueles de que se pode esperar exemplar vida”.<sup>10</sup>

A primeira série, *De Genere*, constitui-se de investigações sobre a origem, a gênero, do candidato a receber as ordens sacras: subdiácono, diácono e presbítero ou sacerdote, sendo que estas, são realizadas quando é solicitada habilitação para qualquer tipo de ordem, independente de serem Maiores, ou as Menores<sup>11</sup>. Segue trecho de um dos questionamentos que são feitos às testemunhas no referido processo: “2º Se conhece, ou conheceu ao Habilitando / e de quem hé filho, dónde, / natural, baptizado e morador, que tracto, ou officio / tem, que annos há que conhece, ou conheceu, com / que occupação, e que razão tem de seu conheci / mento e motivo”<sup>12</sup>

Mesmo em se tratando dos procedimentos preliminares de investigação sobre o habilitando, antes que a ele fosse permitido fazer o exame para receber as Ordens Menores, as evidências indicam o quanto eram rigorosas.

A segunda série, *Vita et Moribus*, visa tanto uma investigação sigilosa (no momento em que eram realizados os interrogatórios), como também uma pública (quando começam a correr os trâmites do processo até a escolha das testemunhas), sobre a vida e os costumes do habilitando, no transcurso da sua adolescência. A preocupação principal residia na averiguação do seu comportamento no âmbito social, físico, sexual, moral, religioso e civil: “8 Se he vexado, ou assombrado do demônio / 9 Se he abstemio de maneira, que quando bebe, / o provoque a vômitos; ou pelo contrario, se he de masiado em beber, ou se toma delle.”<sup>13</sup>

<sup>9</sup> Palestra ministrada por Cândido da Costa e Silva, no dia 16 de outubro de 2003, na Universidade Católica do Salvador, durante a V Semana de Mobilização Científica, SEMOC.

<sup>10</sup> *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*: apêndice às Constituições. Livro I, Título 50, folha 93.

<sup>11</sup> Ordens menores: ostiário (o que abria e fechava as portas do templo e guardava as alfaias do culto), leytor (aquele que ler; segundo grau das ordens menores), exorcista (pessoa que realiza oração para retirar o demônio; terceiro grau das ordens menores) e acólito (o que acompanha, o que ajuda; quarto grau das ordens menores); Ordens Maiores: diácono (clérigo com segundas ordens sacras), presbítero (sacerdote, padre), bispo (prelado que governa a diocese).

<sup>12</sup> Trecho extraído de um processo *De Genere*. Arquivo da Cúria Metropolitana de Salvador. Estante 01.

<sup>13</sup> Trecho extraído de um processo de *Vita et Moribus*. Arquivo da Cúria Metropolitana de Salvador. Estante 01.

É através destes processos que podemos perceber os índices de preocupações no que dizia respeito à sexualidade dos habilitandos, a partir do discurso da moralidade que podemos perceber nas “entrelinhas” dos questionamentos, quando o habilitando é inquerido a respeito da sua vida sexual. Percebemos que este é um índice da preocupação da Igreja com a sexualidade destes, pois se já houvessem ingressado na vida sexual, seria muito mais difícil para ele o celibato, portanto, para a Igreja, manter o controle do mesmo. Acredito que, a partir dessa deixa, podemos começar a perceber que existe também uma “masculinidade” imposta aos habilitandos. Assim, é, a partir dos interrogatórios existentes nos processos, que vamos buscar essas representações de masculinidades que serão impostas aos habilitandos pela Igreja Católica desde o Concílio de Trento e reforçadas pelas Constituições Primeiras do Arcebispado.

## CULTURA E SOCIEDADE NA BAHIA

No século XIX, a Igreja Católica passou por “um processo de estagnação e de deterioração progressiva”,<sup>14</sup> sua forma de funcionamento não priorizava mais sua função inicial, a de salvação de almas. Segundo Lustosa, naquele momento “a instituição eclesial não se adapta mais às exigências de funcionamento eficiente e adequado, capaz de proporcionar à Igreja condições favoráveis à sua tarefa essencial de promotora da salvação”.<sup>15</sup>

A citação acima justifica o período estudado, pois o mesmo corresponde às transformações que abalaram o país, abalando também as estruturas da Igreja. Esta enfraqueceu internamente quando o Estado passou a interferir diretamente nas atividades dos presbíteros, atribuindo-lhes funções e rotinas. Aprofundou-se a vinculação entre a Igreja e o Estado, principalmente no que dizia respeito às questões administrativas e jurídicas ou, ainda, onde mais este tivesse algum interesse oficial.

Nesse período de crise<sup>16</sup>, surgiram dois grupos de pessoas interessadas em reformar a Igreja: um grupo de reformistas que pretendia constituir uma Igreja nacional, independente da de Roma, e um outro grupo, interessado em reintegrar-se à Santa Sé, que defendia o papado. Lustosa se refere à existência de: “dois tipos de preocupação reformista: um reformismo, impregnado de princípios regalistas e anti-romanos que insinuava até mesmo a necessidade de uma Igreja nacional e outro, ultramontano e voltado para a Santa Sé na linha da centralização papal que dominará a partir da segunda metade do século XIX”.<sup>17</sup>

É válido ressaltar que, por conta dessas mudanças político-administrativas, mudam também as prerrogativas, antes herdadas do Concílio de Trento, para ordenação dos presbíteros: as representações de uma masculinidade “exemplar”. Segundo Cândido: “O clero reelabora o seu discurso ou doutrina, as formas e disciplina do culto, as normas de viver”.<sup>18</sup>

É válido observar que a província passava por uma fase de aceitação das mudanças impostas pelo Estado que transformava não apenas as estruturas de base da sociedade (administrativa, política, religiosa, econômica, cultural), mas o cotidiano dos fiéis que têm que se adaptar às novas regras impostas pelo novo sistema, numa sociedade em que o Diácono, Padre ou Presbítero, exercia papel indispensável. Pude perceber sua importância no cotidiano da província quando Cândido explicita que, além das funções sacras, os mesmos exerciam funções administrativas: “A incorporação, o aferir e o acompanhar a prática religiosa ao longo da vida, através dos ritos sacramentais e afins, conferidos com exclusividade por seu titular ou com sua

---

<sup>14</sup> LUSTOSA, 1977, p. 08.

<sup>15</sup> Idem. *Ibidem*.

<sup>16</sup> Ver LUSTOSA, p. 11.

<sup>17</sup> LUSTOSA, *Op. cit.*, p. 7.

<sup>18</sup> SILVA, *Op. cit.*, p. 17.



licença, privilegiou o lugar em que o presbítero diocesano se desincumbe do ofício que lhe é próprio”.<sup>19</sup>

Assim, é razoável supor que os padres deveriam servir de exemplo para as pessoas comuns, em particular para os fiéis homens, no âmbito da vida privada, ou na vida pública, seus costumes e atitudes cotidianas deveriam ser indiscutíveis para que pudessem ser seguidos, já que serviriam de exemplo para o conjunto de fiéis. É possível que tenha sido o papel atribuído pela Igreja àqueles processos. Considerando as práticas cotidianas dos candidatos às ordens, escolher apenas aqueles com conduta exemplar que, ao entrarem na instituição, não apenas desempenhariam as prerrogativas específicas dos presbíteros como o que mais nos interessa, cumpriram papel emblemático no simbolismo da moral cristã.

## AS REPRESENTAÇÕES

Não podemos falar de representações de masculinidades, sem antes falar das mulheres e de sua trajetória, principalmente no que diz respeito à História da Igreja Católica. Hoje, existe um discurso, que parte diretamente de estudiosos que, através da releitura da Cristologia, procuram discutir a condição da mulher na Igreja Católica. Segundo Benedito Ferraro, sua pesquisa, “se dirige na perspectiva de que o fato de Jesus se encarnar como varão não possibilitaria, imediatamente, que todo o poder exercido na Igreja devesse ser executado por pessoas do sexo masculino”.<sup>20</sup> O autor procura discutir as relações de poder dentro da Igreja, partindo da perspectiva de nesta, ainda prevalecer uma estrutura “patriarcal-machista”.

Esta discussão percebe a mulher como “sujeito da teologia”, em confronto com um “arcabouço teológico que traduz uma visão androcêntrica”.<sup>21</sup> Essas percepções partem de uma perspectiva da teologia dogmática feminista, que trabalha com o conceito de que “a dogmática, até então, era fundamentalmente masculina, legitimando o poder exercido pelos homens, varões, quer no interior da sociedade como na Igreja”.<sup>22</sup> É através dessa visão feminista de mundo e do desenvolvimento de estudos das relações de gênero que a Igreja se volta para as questões que reiteram a universalização do sujeito masculino como portador do poder, “representante” do divino.

Podemos fazer uma cronologia da exclusão das mulheres na Igreja Católica, ao longo da história da humanidade, as quais, desde a Idade Média, eram submissas ao poder da Igreja e da sociedade, sendo o homem a imagem da perfeição. Esta visão não sofrerá muitas mudanças até o período moderno, quando, a partir da Revolução Industrial, surge um questionamento da ideologia religiosa que resultou da vitimação da mulher.<sup>23</sup> Segundo Graciela Chamorro,

a representação do divino na forma de um único ser, masculino e superior a todos os demais seres, tornou-se preponderante sobre as outras formas de representação. Seu desenvolvimento e sua afirmação acompanharam os passos da afirmação do homem como senhor sobre outros homens, sobre as mulheres e sobre os outros seres da terra e, não raro, reforçou as pretensões humanas de onipotência, onisciência e onipresença.<sup>24</sup>

<sup>19</sup> SILVA, *Op. cit.*, p. 51.

<sup>20</sup> FERRARO, 2004, p. 06.

<sup>21</sup> *Idem. Ibidem.* p. 40/41.

<sup>22</sup> *Idem. Ibidem.* p. 41.

<sup>23</sup> CHAMORRO, 2000, p. 153.

<sup>24</sup> *Idem. Ibidem.*, p. 161.

Partindo desta perspectiva, não podemos estudar uma masculinidade sem paralelamente discutir a feminilidade, já que a construção desta masculinidade, que pretendo futuramente discutir, foi firmada a partir da exclusão das mulheres na participação da Igreja Ocidental.

Pude perceber a possibilidade de desenvolver esse tema quando encontrei, nestas séries, muitas evidências que permitem identificar a existência de mecanismos de construção de identidade masculina. Pretendo analisar como estas representações eram construídas no âmbito da Igreja Católica.

Representação, diz Le Goff, é tradução mental de uma realidade exterior percebida e liga-se ao processo de abstração. O imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade.<sup>25</sup>

Trabalharei, confrontando os conceitos de representações e masculinidade.

O objetivo desta pesquisa é compreender como as representações sobre as identidades masculinas foram construídas através dos processos de De Genere e Moribus, discutindo os aspectos sociais, culturais, assim como políticos que determinaram estes modelos. A totalidade histórica implica que a junção de todos esses fatores, culturais, sociais, políticos, e econômicos, levam “a uma história cada vez mais voltada para a construção teórica de modos, modelos, sistemas ou leis dos quais se esperava a demonstração de uma lógica interna da realidade”.<sup>26</sup>

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ubiratan Castro de. **Por uma História política da economia**. Resgate revista de cultura, 1997.

ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G; MEDRADO, Benedito. **Homens e masculinidades, outras palavras**. Editora 34, 2001, Rio de Janeiro.

BRAVO, Patricia Ruiz. **Sub-versiones masculinas – Imágenes de los varones en la narrativa jovem**. Lima-Perú: Flora Tristán – centro de la mujer peruana, 2001.

CHAMORRO, Graciela. “Teologia e representação: uma aproximação ecofeminista do monoteísmo”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e MALERBA, Jurandir (orgs). **“Representações. Contribuição a um debate transdisciplinar”**. São Paulo, Ed. Paprus. 2000.

**CONSTITUIÇÕES PRIMEIRAS DO ARCEBSPADO DA BAHIA**. Feitas e Ordenadas pelo Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor Dom Sebastião Monteyro da Vide, Arcebispo do dito Arcebispado, e do Conselho de Sua Majestade, propostas, e aceitas no Sínodo Diocesano, que o dito Senhor celebrou em 12 de Junho do ano de 1707.Coimbra. No Real Colégio das Artes da Companhia de Jesus. MDCCXX.

FERRARO, Benedito. **Encarnação: Questão de gênero?** São Paulo, Ed. Paulus. 2004

---

<sup>25</sup> PESAVENTO, 1995, p. 15.

<sup>26</sup> ARAÚJO, 1997, p. 101 – 112.



HAUCK, João Fagundes; FRAGOSO, Hugo; BEOZZO, José Oscar; GRIJP, Klaus Van Der; BROD, Benno. **História da Igreja no Brasil, segunda época, A Igreja no Brasil no século XI.** Petrópolis: Edições paulinas, 1985.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. **Reformistas na Igreja do Brasil-Império.** Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Boletim nº 17 (Nova Série), Dep. De História, São Paulo, 1977.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Por uma história das sensibilidades: em foco-a masculinidade. In: **História: Questões e debates.** Curitiba, nº 34. Editora da UFPR.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Bahia Século XIX, uma província no Império.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

NOLASCO, Sócrates. A Desconstrução do Masculino: Uma contribuição crítica à análise de Gênero. In: NOLASCO, Sócrates (org.). **A Desconstrução do Masculino.** Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy, **Em busca de uma Outra História:** Imaginando o Imaginário. Revista brasileira de História, Representações, Editora Contexto, ANPHU, 1995, São Paulo,

VANIN, Iole Macedo. **Educando “Machos”, Formando “Homens”:** O ginásio/seminário São Bernardo. (Dissertação de Mestrado) Salvador: UFBa, 2002.

SILVA, Cândido da Costa e. **Segadores e a Messe:** O Clero Oitocentista na Bahia. Salvador: Edufba, 2000.